****

**FACULDADE DE JUAZEIRO DO NORTE- FJN**

**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

**GEIZA ALVES GOMES**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE: A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR- ALUNO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM**

**JUAZEIRO DO NORTE- CE**

**2015**

**GEIZA ALVES GOMES**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE: A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR- ALUNO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Juazeiro do Norte – FJN, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

**Orientadora: Jucilene Maria do Nascimento Gonçalves**

**JUAZEIRO DO NORTE – CE**

**2015**

**AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

**GEIZA ALVES GOMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Juazeiro do Norte – FJN, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Clínica eInstitucional.

**BANCA EXAMINADORA**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**EXAMINADOR**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**( JUAZEIRO DO NORTE, 2015)**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE: A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR- ALUNO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM**

Geiza Alves Gomes[[1]](#footnote-1)

**RESUMO:** A reflexão e a investigação sobre a importância da afetividade na relação professor-aluno no processo e ensino e aprendizagem, sendo indissociáveis, no contexto da educação institucional, considerando a complexa clientela que temos nessa geração. Este estudo justifica-se diante da necessidade de apresentar a dimensão afetiva como fator de motivação, imprescindível na construção da pessoa e do conhecimento. Objetivando identificar as contribuições da afetividade no vínculo entre professor-aluno como subsídio facilitador do processo ensino-aprendizagem nas séries iniciais, sobretudo a ideal postura do professor como mediador do conhecimento. A metodologia caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, utilizando princípios da Pedagogia e da Psicopedagogia, focando o reconhecimento da necessidade de uma “Pedagogia do afeto”. Possibilitando assim a compreensão da importância de se estabelecer relações afetivas com os educandos para que se tenha uma qualificação do processo educacional.

**Palavras-chave:** Afetividade. Motivação. Relação professor-aluno. Ensino-aprendizagem

**ABSTRACT:**. Reflection and research on the importance of affection in the teacher-student relationship in the process and teaching and learning, being inseparable in the context of institutional education, considering the complex clientele that we have in this generation. This study is justified given the need to present the affective dimension as a motivating factor, essential in the construction of the person and of knowledge. In order to identify the contributions of affection in the relationship between teachers as facilitator- student grant the teaching-learning process in the early grades, especially the ideal posture of the teacher as facilitator of knowledge. The methodology is characterized by a literature search, using principles of Pedagogy and Psychology, focusing on the recognition of the need for a "Pedagogy of affection." Thus enabling the understanding of the importance of establishing relationships with the students in order to have a qualification of the educational process.

**Keywords:** Affection. Motivation. Teacher-student relationship. Teaching and learning

**INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa surge da indagação sobre o quanto já surgiram teorias e discussões Em torno de como alcançar uma educação de qualidade, mas muitas vezes desconectadas do contexto social, o que faz com que teorias não funcionem mais como outrora, num sistema em que professores e alunos encontram-se frios, distantes e sem o toque emocional.

As leis voltadas à educação são persistentes em declamar um processo educacional que forme cidadãos éticos, políticos e criativos, aptos a interagirem na sociedade. Mas diante desses ideais, como atingir essas metas na geração de crianças que temos, bombardeados pelo excesso de atividades e informações, influenciados pela superficialidade e a autossuficiência? Como relacionar o ensino de conteúdos à construção moral, ética, estética e social? De que forma tocar-lhes em seus sentimentos?

A problemática da educação atual está contida no sistema alienante, que na verdade visa apenas para o aluno uma seleção empresarial, usada para aprovações e bons títulos, desviando a educação de seu papel essencial, educar para a vida.

Visando esses questionamentos, o presente artigo aborda a investigação e reflexão de uma metodologia de ensino e aprendizagem pautada no afeto, no respeito mútuo, na humildade, na instauração e valorização de um vínculo positivo dos agentes desse processo de construção, processo não só cognitivo, mas, sobretudo humano.

Levando em consideração a valorização do aspecto relacional interpessoal entre professores e alunos no processo ensino-aprendizagem, enfatizando o contexto emocional e afetivo na prática de interação em sala de aula.

Buscando apontar soluções e ferramentas que efetivamente contribuam para um ensino eficaz e um aprendizado mais significativo ao educando, através do convívio saudável entre os envolvidos nesse processo.

E também levanta a discussão em torno da abolição da prática pedagógica mecanizada, seca e fria, mas uma prática docente que privilegie a liberdade de expressão, nas mais variadas manifestações, que rejeita qualquer tipo de discriminação e enxergue o aprendente como ser humano dotado de sentimentos e

potencialidades singulares, favorecendo a sua constante busca do conhecimento e da felicidade. Que leve os profissionais dessa área a agirem sob o cotidiano escolar com menos técnica e mais humanidade, alicerçando relações construtivas baseadas em atitudes altruístas.

Baseando-se, inevitavelmente, em pensamentos de grandes educadores e teóricos que defendem essa perspectiva voltada à uma educação igualitária, sensibilizadora e humanizada, pautada no afeto e na valorização do ser humano como ser ativo e social.

Com vista nos referenciais teóricos, aborda-se nesse artigo os conceitos do termo “afetividade”, como ela se dá no ambiente da sala de aula; a afetividade na relação professor- aluno; as contribuições de suas manifestações para o processo de ensino-aprendizagem; postura e papel privilegiado do professor no desenvolvimento das crianças; a importância do diálogo, da valorização do conhecimento prévio do educando, da contação de histórias para ensinar a arte de pensar, como ferramentas para motivação do ato de ensinar e aprender espontaneamente.

**2 A AFETIVIDADE**

Para ser possível compreender o tema afetividade no ambiente específico da escola, a sala de aula, faz-se necessário um breve levantamento dos conceitos de afetividade e afeto, mesmo perante sua complexidade de significados.

O termo afetividade não restringe-se somente à emoção, pois na linguagem geral relaciona-se a amplitude da emoção e as questões relacionadas ao meio social, a sentimentos de ternura simpatia, carinho, e pode também estar ligada à ao estado de humor, motivação, paixão, personalidade, atenção, dentre outros.

As relações afetivas se dão nas interações constantes dos indivíduos, sendo que a afetividade exerce papel importante nessas relações, pois ocupa lugar central da construção tanto da pessoa como do conhecimento.

Segundo o dicionário Gama Kury (2001)” qualidade de quem é afetivo; afeição, carinho. Capacidade de exprimir na linguagem os fenômenos afetivos e despertar nos outros idêntico sentimento”

Afeto, por sua vez, significa amizade, amor, um estado de alma, a afeição representada por apego a alguém, sendo assim, o afeto um sentimento que privilegia a autoestima entre as pessoas.

Percebe-se a afetividade como laço criado entre seres humanos, através de uma amizade aprofundada. Daí surge a afeição que afetará a relação de interação, de forma positiva, se bem desenvolvida, ou negativa. Com isso voltamos a atenção à maneira como somos afetados pode favorecer ou prejudicar nossa vontade de agir, ou seja, nossa motivação.

Como diz Cury (2003, p.57) ”o afeto e a inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente.” Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo, ou seja, estão interligados numa relação positiva para o indivíduo.

**2.1 A afetividade no ambiente da sala de aula**

Conforme Cury(2007), “[...]a sala de aula é um pequeno mundo, porque o espaço físico, embora pequeno, é infinito pois contém seres humanos complexos, indecifráveis, verdadeiros universos a se explorar.”

O trabalho em sala de aula vai além do conhecimento e da cognição, pois nele há uma enorme porção afetiva envolvida e seres complexos que compõem esse pequeno espaço, que ao mesmo tempo, torna-se gigantesco. Onde mais do que o contato físico, ocorre o contato pessoal, sentimental e emocional entre os que interagem nesse espaço.

Com referência a essa consideração de sala de aula, Oliveira (2000, p.61) faz menção:

A sala de aula é um espaço de construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno é uma das questões desafiadoras para nós educadores.

Com isso, nota-se a necessidade de transformar o espaço antes visto de forma rígida, inflexível ao aluno, em um ambiente estimulador, prazeroso, adaptado aos alunos, agora vistos como centro do processo e sujeitos de direitos, em que estes usufruam do momento e do ambiente de forma relevante e significativa.

Mas para que isso se concretize, é preciso repensar a prática docente, melhorar as metodologias, adaptá-las à clientela que se tem nas salas de aula de hoje, infelizmente regidas por um sistema de mecanização de conteúdos

Considerando esse problema enfrentado pela educação, Cury afirma:

Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade. (2003, p.13)

Ainda sobre a reflexão dessa problemática, Cury (2003) diz que” a educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional.”

Como ressalva Paulo Freire (1996, p.159) “ Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.” Assim ele nos diz que a autoridade do professor na gestão de sala de aula e a relação afetuosa com os alunos são indissociáveis na prática docente, para o verdadeiro bom professor.

Diante disso, vê-se o momento adequado de buscar na prática em sala de aula inovações que estabeleçam a afetividade presente constantemente em suas variadas manifestações, alcançando assim uma melhoria de qualidade de ensino nesse ambiente sistemático da escola.

Cury (2003, p.14)

Atualmente, não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que procuremos a excelência. [...] Os professores precisam incorporar hábitos de educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos.”

Mostra-se fundamental em sala de aula que o professor invista no coletivo, na forma de como resgatar os omissos, atrair os dispersos, libertar os silenciados e saber que o foco da sua prática é o crescimento, a evolução, o alavancar as potencialidades e construir pontes que levem ao conhecimento.

O educando que tem a liberdade ativa, ficará ainda mais livre o quanto mais vai assumindo, eticamente, a responsabilidade de suas ações.( FREIRE, 1996, p.104)

O afeto precisa ser considerado na preparação das aulas. Estas precisam ser planejadas para atender às necessidades dos alunos, com sensibilidade, dinamismo e muita criatividade. Pois, sabe-se que não são apenas conteúdos que precisam ser transmitidos, mas, aliados a eles, lições de cidadania e de amor ao próximo, levando o aluno a refletir ao invés de repetir, favorecendo o desenvolvimento de seu pensamento racional e emocional, fazendo-os assim a desenvolverem espontaneamente sua inteligência ou inteligências. Portanto, a melhor maneira de aproveitar a sala de aula é proporcionar nela situações de aprendizado que mescle afeto, boa vontade, sabedoria e troca de experiências.

Como salienta Freire (1996, p.103)

O clima de respeito que nasce das relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

A Pedagogia do afeto na sala de aula simboliza o educar para o bem, usar da correção positiva para a construção de pessoas tolerantes, críticas e pensantes.

Sendo seres sociais, precisamos do convívio com outras pessoas, afim de construirmos nossa identidade e personalidade interagindo com os que nos cercam

A afetividade na sala de aula também exerce caráter inclusivo, pois consiste em querer bem a todos, independente de raça, religião, maneira de ser, classe social, enfim, sem qualquer tipo de discriminação, apostando no potencial que cada aluno tem para oferecer.

**2.2 A relação professor-aluno, nas séries iniciais.**

Nas instituições de ensino, as séries iniciais objetivam proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, desenvolver uma educação integral que vise os aspectos sociais, intelectuais e afetivos.

Considerando quedurante a primeira infância, a criança está em plena fase de desenvolvimento, realizando relações dialéticas e interacionais, desenvolvendo suas percepções, cognição e socialização, torna-se crucial neste período de desenvolvimento, que a mesma estabeleça com o meio e objeto de conhecimento relações saudáveis que contribuam com seu processo de crescimento.

É o momento em que o educador deverá aproveitar ao máximo essa fase da criança e as possibilidades do espaço que lhe é repleto de significados, a sala de aula. Aproveitá-lo intensamente, transformando o aprendizado em práticas lúdicas, competentes, sensíveis e cheias de afeto.

Mostra-se, então, o período ideal para o professor introduzir-se no mundo da criança, uma vez que, este possui papel importantíssimo e privilegiado no crescimento da criança em idade escolar, pois espera dele proteção, atenção e afeto.

Sendo assim, se as interações se derem com carinho e com reconhecimento de seus direitos e se mostrarem com atenção, a criança atingirá dentro de si um bem- estar emocional e segurança de seu espaço dentro do grupo, ficando mais aberta a novas experiências mediadas pelo professor.

Considerando a relevância do afeto na relação professor-aluno, Freire afirma:

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de quere bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a quere bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura de querer bem a maneira que tenho autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (1996, p.159)

A partir dessa afirmação, Freire nos acrescenta que reconhecer que o querer bem ao educando e a afetividade são saberes necessários à prática pedagógica, e devem manifestar-se no compromisso que se estabelece com o aluno.

Entende-se que a ação educativa e a relação afetuosa entre professor e aluno é inseparável e deve se dar de forma espontânea, não por imposição, mas por consciência própria.

Segundo Freire (1996, p.159), “Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.” Wallon (apud La Taille, 1992) na sua teoria que trata da emoção, considera a afetividade e a inteligência fatores misturados, e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica.

Sendo seres sociais, precisamos do convívio com outras pessoas, afim de construirmos nossa identidade e personalidade, interagindo com os que nos cercam, assim não se pode ignorar a importância da interação entre professor e aluno. Assim, a relação do professor com os seus aluno é constante, isto é, está presente em todos os momentos: na sala, nas atividades classe e extra classe, no pátio e onde mais o processo educativo aconteça, e essa aproximação resulta na construção do conhecimento.

Essa relação deixa de ser mecânica e distante à medida que considerarmos o ambiente da sala de aula não somente como um espaço de transmissão de conteúdos teóricos, mas, sobretudo de aquisição de valores, de comportamentos. Logo, as relações cultivadas entre professores e alunos tornam-se um determinante decisivo no processo educativo.

Dependendo da maneira como se dá a relação professor-aluno, podem surgir resultados positivos e negativos, pois professor e aluno se complementam como par complexo e dinâmico, em que a relação interfere no produto final do processo de ensino-aprendizagem.

A relação interpessoal positiva que o aluno constrói junto ao professor, com respeito, aceitação e apoio, possibilita o sucesso dos objetivos educativos. E esta quando se dá de maneira mecânica, desamorosa, implicará para possíveis e futuras dificuldades de aprendizagem, pois não trabalhou no aluno seu aspecto emocional.

Na abordagem psicopedagógica os fatores emocionais, que ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com o conhecimento e a expressão da construção do conhecimento por meio da produção escolar, podem favorecer o indivíduo no processo educativo, como podem levar ao fracasso escolar devido a formação de dificuldades emocionais.

Segundo Henri Wallon, “ a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivas da afetividade emocional” ( WALLON, 1962, apude Dantas, 1992, p.65).

É importante perceber que a afetividade, na relação professor-aluno, não se limita apenas ao carinho físico, totalmente explícito, mas pode se manifestar, discretamente, na forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias, no reconhecimento de seus conhecimentos prévios e seus potenciais singulares. E palavras de inspiração e de autoestima são maneiras de comunicação afetiva, que motivam o aluno a querer aprender. Nota-se que não é impossível para o professor, nem para o aluno, envolver de forma singela a afetividade nessa relação vital para a melhoria do ensino-aprendizagem.

**2.3 As contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem**

A aprendizagem, objetivo do ensino, é um processo em que através da interação com o círculo social, o sujeito incorpora as influências deste às suas necessidades e interesses, que após organizadas por suas estruturas psíquicas modifica sua conduta e torna- se capaz de recriá-la criativamente no ambiente.

A ação de ensinar e aprender exige dos autores do processo educativo, automaticamente, cumplicidade, o reconhecimento de que esta sendo cultivada nas intervenções resulta resultados significativos para o aprendizado do aluno e facilita a ação docente do professor.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietarmos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. (FREIRE, 1996, p.80)

O momento da aprendizagem deve ser aquele em que professor e aluno se integrem, para através da união alcancem os objetivos reais da educação, e essa interação é estabelecida com a manifestação afetiva na relação entre docente e discente. E para tal êxito, é imprescindível a afinidade entre as pessoas desse processo, cultivada pelo afeto e respeito nas várias dimensões do ser humano.

A ação ensinar e de aprender exige cumplicidade entre professor e alunos, e essa ações são construídas nas interações, através do que é dialogado, ensinado e compreendido.(ANDRADE, 2014)

Percebe-se o afeto como fator essencial para o funcionamento da inteligência, que sendo integrada aos demais fatores do desenvolvimento e uma positiva interação com o meio, pode estimular o interesse e a motivação do educando. Porém se essa relação se der de forma negativa, acarretará danos ao desenvolvimento do aluno e posteriormente dificuldades de aprendizagem.

Segundo Andrade(2014) é primordial ao professor criar vínculos positivos entre seus alunos e os conteúdos, por meio de um bom planejamento, que vise temas de interesse dos alunos e os valorize para a vida, inter-relacionando a relação afetiva e o conhecimento ao currículo escolar; tendo cautela para não transmitir conteúdos sem nexo, não dificultar a assimilação, tornando-a distante e desnecessária para o aluno.

Entende-se que a afetividade sendo cultivada nas interações gera resultados significativos para o aprendizado do aluno e facilita a ação docente.(ANDRADE,2014)

Saltini (2008,p.100) diz que” essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo ao conhecimento”

Ainda sobre essa abordagem Saltini (2008, p.100) comenta:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente e o espaço onde podemos depositar nossa pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita acolhida e ouvida para que possa despertar para a vidada curiosidade e do aprendizado.

Para Cury (2003) isso significa encontrar na aula espaços para falar por alguns minutos sobre os problemas, metas e obstáculos que e encontraram na vida, pois o resultado será o amor e o apreço que os alunos demonstrarão pelo professor e por suas aulas.

Há um pensamento de Cury (2007) que nos possibilita melhor compreender quão grande a importância da afetividade associada ao aprendizado: “Quem ama seu mestre, ama a matéria que ele ensina. Quem não ama seu professor dificilmente amará suas ideias”

Diante disso percebe-se que o professor exerce mais influência no aluno do que, até mesmo, a disciplina que ensina, em que o aluno o aponta como referência. Surge desse ponto de vista o caráter urgente de o professor se tornar amigo do aluno, e ter um relacionamento onde a emoção esteja presente, para que ele possa lidar com o aluno deixando marcas positivas em sua trajetória de aprendizagem.

Cabe aos professores a consciência de que desvalorizar, não respeitar sua leitura de mundo, esclarece Freire”[...] saber escutá-lo, não significa, já deixei isto claro, concordar com ela, a leitura de mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua”, o professor estará “agredindo” seu aluno psicologicamente, causando-lhe prejuízos.

Freire (1996, p.138) complementa que:

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudica-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a ‘leitura de mundo’ com que o educando chaga à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.

Freire(1996) sobre o processo humanizado do processo de envolve ensinar e aprender afirma a importância de saber ouvir, considerar e principalmente valorizar e incorporar ao processo de ensino a “leitura de mundo” que o aluno traz consigo, chamando-a de “prática democrática de escutar”.

Segundo Freire(1996, p.138-139)

Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo, Respeitar a leitura de mundo do educando significa toma-la como ponto de partida para compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e de humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.

Dentro da discussão em torno da afetividade como fator contribuinte para o processo de ensino-aprendizagem, pode-se ter como fundamental a prática de escutar e do respeito à leitura de mundo do educando. Para Freire, sem esse saber não se estaria reconhecendo a historicidade do saber e o caráter histórico da curiosidade que move o aprendizado.

**3 AVALIAÇÃO LIBERTADORA**

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos e minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino de conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, ao seu saber de “experiência feito” que busco superar com ele. (PAULO FREIRE,1996, p.116)

Nessa linha de pensamento, a compreensão de que o professor não deve reduzir sua prática ao mero ensino de conteúdos, para posteriormente cobrá-los à sua própria expectativa, mas incorporar à sua prática à ética e à democracia que defende na teoria, porém na prática, muitas vezes, na avaliação, a utiliza como ferramenta de opressão e não de reflexão.

Porém é importante ressaltar que valorizar a emoção e as relações de afeto não significa dizer abrir mão da autoridade e da liderança do professor (não autoritarismo), não venhamos confundir o real papel ético do docente sob o discente, confundir a liberdade de construção que se dá ao aluno com libertinagem.

Pode-se notar no pensamento de Freire(1996), o discernimento que ensinar exige querer bem aos educandos, ao mesmo tempo que exige equilíbrio e controle dessa relação.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mas frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício e minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que se tenha por ele.

É importante entender que ensinar exige querer bem aos educandos, ao mesmo tempo que exige equilíbrio e controle dessa relação. Discernir que ter afeto ou não pelo aluno, não quer dizer favorecê-lo devido à simpatia ou prejudicá-lo por causa da incompatibilidade de ambos.

Cury(2003) com relação ao processo de avaliação, afirma que cada ser humano, mesmo aquele aluno que não obtem notas significativas para o sistema, possui sempre potencial que aguarda ser explorado, e que para que seja explorado se faz necessário o debate de conhecimentos e expressar sem medo o que sentimos e pensamos. Ele ainda complementa que “ [...] devemos ter em mente que a grandeza do ser humano está na sua humildade, na compreensão das suas limitações e na capacidade de se fazer pequeno.”

Não se torna viável, nem tão pouco interessante, no processo educativo das crianças, ou de qualquer fase escolar, o professor sentir prazer em reprovar porque o aluno não atingiu às suas expectativas, ou pior, porque não houve simpatia entre professor e aluno. É um caso urgente de repensar a sua prática.

De acordo com a reflexão de Freire (1996, p.130-131):

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada.

Segundo Freire, na educação atual, o processo de avaliação está se dando de contrária, ou seja, visa atender às ansiedades do professor e não do aluno, e aqueles, que com bom senso, discordam de tal sistema silenciador e opressor, resta-lhes é resistir e enfrentá-lo.

Freire (1996, p.131)

A questão não que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar *a* como do falar *com.*

Compete aos educadores repensarem a prática de avaliação baseada apenas em conceitos desumanizados e notar que, muitas vezes, não servem como recurso de análise do desempenho, das dificuldades dos alunos e do professor, mas como meio de opressão e imposição, que amedronta um ser que está em processo de construção de conhecimento, e não de acabamento. Pra que assim lute-se a favor da avaliação para libertação, como instrumento que contribua com a aprendizagem, de forma libertadora.

Instaurando-se assim uma prática de exposição de ideias e não de imposição.(CURY,2007)

**4 O PAPEL DO PROFESSOR**

Para mim, os professores (incluindo os pedagogos e os psicólogos da educação) são sacerdotes da inteligência e, portanto, são os profissionais mais importantes da sociedade, e a escola é o seu lugar mais sagrado.(CURY, 2007, p.7)

A escola é um espaço de socialização de saberes, convivência e de novas descobertas e conhecimentos, onde nessa complexidade de funções e na dinâmica do processo ensino-aprendizagem, o papel do professor apresenta relevância fundamental para sua execução.

Na educação de crianças nas séries iniciais, como em todas as outras, o professor se faz facilitador e mediador do conhecimento, que proporciona a ligação entre o educando e o meio em que está inserido. E sendo mediador do saber, e não só do aprendizado, pode favorecer a experiência do aluno em busca de novas descobertas, fazendo com que o aluno reconheça o aprendizado importante para sua vida.

Para Rubem Alves (2000), o professor pode considerar-se realmente um educador, à medida que ensina com alegria e que ama sua profissão, para que assim se torne imortal aos olhos daqueles que um dia ensinou. Como ele diz:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais[...]Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor- intérpretes de sonhos. (ALVES, 2000, p.5)

Dessa maneira, o professor precisa:

* Ter capacidade emocional para atuar diante de diversas situações na sala de aula;
* Manter sempre o equilíbrio de sua autoridade ao mesmo tempo que age afetuosamente com seus alunos;
* Sensibilizar-se para entender as necessidades e os desejos do educando;
* Criar um ambiente seguro, estimulante e alegre;
* Buscar simpatia e ser acessível ao aluno, para melhorara os resultados com as turmas, e até mesmo com os alunos mais indisciplinados;
* Ser exemplo de respeito, boa educação e amabilidade;
* Favorecer, por meio da relação entre professor-aluno, a ampliação, enriquecimento e sistematização do conhecimento, mas sempre cultivando a curiosidade e o questionamento, proporcionando entusiasmo às novas possibilidades de conhecimento;
* Investir nas potencialidades dos alunos, encorajando-os a se desenvolverem em suas capacidades e vibrar com elas;
* Colocar-se no lugar do aluno, sentir suas angústias e entender seus anseios;
* Tornar-se amigo do aluno, para poder conquistar seu respeito e concretizar, mais facilmente, os objetivos almejados;
* Ser agente humanizador do processo ensino-aprendizagem, ser o educador da emoção, que os meios tecnológicos de informação não são capazes de tal função;
* Trabalhar em função da aprovação da criança como aluno, e sobretudo, como ser social;
* Saber ouvir, sem discriminação, todos os seus alunos, escutá-los em seus apelos e opiniões;
* Realizar sua autoavaliação, e avaliar bem seus alunos pensando na totalidade dos objetivos e nas necessidades das pessoas envolvidas no processo;
* Estabelecer a prática do diálogo, da discussão saudável, de relatos e histórias que toquem a sensibilidade, do debate de ideias, assim quebrar todas as barreiras de comunicação entre ambos;
* Buscar sempre renovar-se em sua prática pedagógica e docência, para melhor planejar suas aulas;
* Sustentar sua postura de educador, para manter o real e valoroso significado do processo educativo;
* Respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade do aluno.

Sobre o respeito à autonomia, e a esses outros aspectos do educando, é um saber necessário e irrevogável à docência, que sem o mesmo o educador poderá contradizer o discurso a favor da democracia que antes defendia. (FREIRE1996) Ele enfatiza:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades que sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavriado, vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 1996, p.69)

Freire(1996, p.66) ainda afirma que ”O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros”

Entende-se, portanto, tornar a aula um palco de participação, logo, de cidadania, um espaço democrático que proporciona o sentimento de liberdade e inclusão e afetividade é dever do docente.

Enfim, mesmo diante dessas sugestões para melhorar a performance do professor e sua relação com os alunos, não existe uma receita pronta, estabelecida. Cabe ao educador buscar e incorporar à sua prática as ações mais eficientes e humanas, considerando o perfil dos alunos que possui, que poderão transformá-la para melhor.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização desse trabalho, é possível perceber e reconhecer que a atmosfera do afeto , do respeito e da amizade deve estar constantemente presente na relação estabelecida entre professor e aluno.

E esses aspectos tornam as relações transparentes e viabilizam o sucesso no processo ensino-aprendizagem. Pois se faz notório que utilização do afeto é a melhor estratégia que o professor pode utilizar para conseguir facilitar o seu trabalho de educar e obter resultados satisfatórios de seus alunos, na concretização de seu aprendizado.

Na infância, a criança tem o professor como referencial e deposita nele expectativas, que podem ser comprovadas ou não, ao longo do processo educativo. Na medida em que o professor supera essa expectativa e se mostra realmente um educador que valoriza o aluno como ser humano, com capacidades, opiniões e saberes, aptos a terem o seu desenvolvimento estimulado de forma afetiva, esse na visão da criança será o seu protetor e mediador do seu conhecimento..

Acreditamos que afetividade e cognição estão interligados. E que na sociedade atual, em que a educação encontra-se em crise e nossos alunos dispersos, se faz primordial educar buscando atingir a emoção e valorizando cada vez mais as ideias humanistas.

O professor precisa repensar sua prática pedagógica para planejá-las de acordo com o perfil atual de seus alunos, se colocando como amigo deles. Ser um educador afetuoso, mas que não abre mão de sua autoridade de professor, visando manter equilíbrio na relação. Sendo importante buscar promover uma relação saudável com seus alunos, utilizar estratégias ligadas à afetividade, dando espaço ao aluno para que liberte-se para sua autonomia e desenvolva seu intelectual. Além de ter o processo de avaliação como processual e instrumento de aperfeiçoamento, não só do aprendizado do aluno, como também de sua ação docente.

Sintetiza-se que a relação de afeto estabelecida entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem é de suma importância para o processo educativo. Pois contribui para a motivação do ato de aprender e, sobretudo, para formação de crianças saudáveis emocionalmente, sociáveis, inteligentes e espontaneamente mais felizes.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**.11ª ed. São Paulo: Papiros, 2000.

ANDRADE, Fabiana. **A Pedagogia do afeto na sala de aula**. 2ª ed. Recife: Prazer de Ler, 2014.

CURY, Augusto Jorge. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DANTAS, Heloysa;DE LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta kohl. **Teorias Psicogenéticas em discussão: Piaget, Vygotsky e Wallon**. São Paulo: SUMMUS, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: **saberes necessários à prática educativa**. 24ª ed. São Paulo, 1996.- (coleção leitura)

KURY, Adriano de Gama. **Minidicionário Gama Kury de Língua Portuguesa**.1ª ed. São Paulo. Editora FTD, 2001.859 p.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes. **Um olhar sobre gestão em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. 5ªed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

1. Pós graduanda pela Faculdade de Juazeiro do Norte - CE [↑](#footnote-ref-1)